



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

17836 - Resumo Expandido - Trabalho - XXVII Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste – Reunião Científica Regional – ANPEd Nordeste (2024)

ISSN: 2595-7945

GE Cotidianos - éticas, estéticas e políticas

entre-lugar-tempo-espirlar: submetodologias desde o corpo para habitar mundos outros nos entres da educação e suas formas.

Wyrá Potyra Conceição de Jesus - UFPE - Universidade Federal de Pernambuco

entre-lugar-tempo-espirlar: submetodologias desde o corpo para habitar mundos outros nos entres da educação e suas formas.

1 INTRODUÇÃO

Inspirando experiências inscritas desde intuições emanadas antes no corpo, este trabalho vem como ritual de um corpo educador em experimento através de atos que tornem territórios da educação formalizada em chão pisado por aquilo que não se traduz e que se ensina a partir da dimensão do corpo e através de atravessamentos que não chegam por vias racionalizadas. Em seu cerne este trabalho visa colocar o corpo educador como um possível laborador de princípios intuitivos, retomados no corpo que somos e não somente movidos esteticamente, tirando do lugar subalternizações ao racional dicotômico. Sentindo assim, deixar se fazer mover entre-lugar-tempo-espirlar que possa provocar a abertura de mundos outros para que corpos em transgressão encontrem habitação na educação.

Desta maneira, a partir da experiência da formação no curso de pedagogia, enquanto um corpo transexual intersexo, foi possível observar que na perspectiva da metafísica ocidental, um currículo pode operar práticas disciplinares sobre o corpo. As dimensões de corporeidades subalternizadas se inscrevem ainda refêns de uma estrutura da filosofia ocidental moderna, em um mundo fundado no colonialismo desde a invasão deste continente. A racionalidade metafísica nos foi entranhada colonialmente e mesmo compreendendo as ações desse sujeitamento, esta compreensão de modo geral se apresenta ainda através de postulados operacionais, carregados de entendimento de uma lógica racionalizante através de formas que correspondam a uma consciência racional e figurativa.

Ainda que permitindo expressões do corpo, imaginações, sonhos e experiências fugidias do intelecto, dentro da educação formal, os processos de comportamento para a formação de corpos educadores preconizam o intelecto como aquele que não deve nunca perder o controle da experiência. Nos experimentos que provocaram mover-me a ser antes no corpo enquanto uma possível propositura de fuga aos comportamentos exigidos dentro da formação do curso

de Pedagogia, os atos para um desapegar à consciência racionalizante foram as exigências mínimas que o corpo dissidente em travessia da formação acadêmica, posicionou como ponto zero para mergulhar neste abandonar-se a deriva desde o corpo. Um total e profundo experimento do desapego das verdades da racionalidade metafísica já enraizadas por e em um intelecto dominante. Como no livro de Abigail Campos Leal as memórias errantes num lugar de “força violenta y estranha de uma costura monstruosa” são as veredas de figuras monstruosas que atravessam a educação e suas formas para habitar em suas fissuras.

Neste vislumbre os movimentos do estar corpo no tempo-espaco dos mundos da educação possibilitam parir intuições, provocações, suspensões e impulsos cujo a pertinência é caminhada de existência de corpos em grupos sociais que movem se enquanto corpos performáticos coletivos nos mundos da educação. Neste sentido, alinhavar imaginações para um corpo educador, parindo experimentos performáticos, possibilitam travessias da formação em pedagogia e provocam movimento para corpos em outridade d’entre os mundos da educação.

Os estudos realizados ao longo da travessia da formação em Pedagogia, através de experimentos performáticos ritualizados no Centro de Educação da UFPE no Campus Recife foram meios de sobrevivência que com o atravessar da formação tornaram-se submetodologia de ação que em seguida se organizou em pesquisa. Este trabalho, portanto pretende apresentar imagens e ações através de uma submetodologia ritual performática em movimento desde o corpo, provocando reconhecimento no “entre” como espaco de possibilidade de habitar fissuras de um tempo-lugar outro, transeunte de movimentos espiralares, que se lançam no fora de setas retas da racionalidade ocidental moderna.

2 DESENVOLVIMENTO

Em seguir as veredas da formação em pedagogia, de tempos em tempos, figuras monstruosas atravessam a formação acadêmica como transeuntes das fissuras. Pela ordem das rotinas disciplinares do sobre-viver, não nos deixam habitar nestes entres sossegadamente sem que entre em ação tratamentos inóspitos. Nestas fissuras também há sempre uma nova/velha poeira acumulada, com a qual vamos aprendendo a estar e deixar por vezes em sedimentação. Permeando-nos como outros fossemos, as poeiras de passado, presente ou futuro, acumuladas, ficam só sendo poeira, perdidas no tempo. Poeira que registra não aquilo que somos, mas aquilo que não é mais, e que, no entanto ali ficam, residuais, guardando memórias que só sente quem as toca ou tem alguma condição alérgica fazendo sua denúncia. Percebo assim, que não sei mais atribuir juízo de valor a estes não lugares, visto que até neles se operam regimes de denúncia dos corpos que somos principalmente em dissidência mas que são também lugares e tempos onde é possível dar outros movimentos para o mover se a ser corpo educador.

2.1 Entre-lugar-tempo-espiralar

O curioso é que ao empreender sobre uma escrita que se incline ao que desde o corpo tem como característica premente o esvanecer-se no movimento se mostra justamente como o próprio encontro com a necessidade de uma escrita desvanecida. Assim a tentativa de traduzir

corpo através da escrita faz com que a gente se pergunte qual momento nos decidimos pela escolha de um trabalho e suas palavras para submissão em um evento acadêmico, pois é como se nos pregasse uma peça feito criança quando quer mostrar algo.

Em certas circunstâncias, durante os experimentos performáticos provocados no espaços do Centro de Educação da UFPE o intelecto escapava para frente da história que ali ia se fazendo para querer tomar domínio de tudo. Surgiam indagações num processo de racionalização dos movimentos e tudo o mais envolvido. Quando não conseguia por vezes fazer o intelecto retornar a completude do todo sempre se tornava muito difícil, quase impossível manter um fluxo de experiência que o corpo que sou neste estado costuma me colocar. O tempo passa a ser o do relógio, o espaço passa a ser o hall do prédio do Centro de Educação.

Quando se consegue estar mergulhado nos fluxos que se movem desde o corpo e para além dele a sensação é de não haver escolha racionalizada que dê conta das potências que se movem. Dar um sentido racionalizante aqui, interrompe as possibilidades que surgem no corpo. Neste *agora* abrem-se fissuras ocultas dos entres possíveis em raízes, terra e ar se movendo com o corpo para além de estruturas de concreto estático de edificações acadêmicas. Nascem, morrem e nascem interrupções, palavras, suspensões, suspiros, epifanias, espirais de experiências.

Afinal a escolha da escrita de certos trabalhos e suas palavras são paridas em movimento de corpo que gesta não aquilo que escolhemos, mas aquilo que nos escolhe para atravessar o mundo através de nossos moveres em rituais performáticos. A gente nunca sabe o motivo de uma criança se afeiçoar, correr, abraçar, olhar e sorrir para alguém. E criança tem desses rompantes que são da ordem do atravessamento. O corpo que somos só o é em potência quando em rompante atravessa para o além de lógicas das dicotomias metafísicas.

Assim quando, tentando descontraír, se suspira fundo entregando o peso do corpo para algum ponto de apoio no chão e firma-se dizendo que precisa atinar a razão para escritas e leituras específicas, a criança vem correndo, cutuca inquieta, sorri trelosa com olhar brilhante, lhe aponta um caderno verde e sai correndo para o quintal. Como quem pede uma história, aquela história, e não qualquer outra. Seguir o conselho intuitivo e silencioso do ser criança, pegar o caderno e ir para o quintal, é uma provocação que sempre urge em nós mas nem sempre a levamos a cabo. Seguir tal intuição trás o corpo para a escrita e a escrita se desnuda para além de razões e intelectos. Sorrir enquanto se lê páginas para as copas das árvores move o que é como o ar e o que nele está, levando e trazendo finos sedimentos em segredo. Como poeira, os dias, meses e anos neste tempo hostil dos relógios e calendários acumulam memórias estáticas sob a superfície imóvel. Corporeidade desvanecida é corpo atravessado desde a infância, corpo que atravessa cruzamentos de ruas e que se nega a assujeitar-se como fosse um, imóvel.

(...) ao colocar transformação do m/eu corpo e da m/inha vida em jogo, fazendo deles um arquivo ontoepistemológico possível, tento caminhar na direção de problematizar de forma mais ampla y profunda a metafísica euro-branca que subordina e *esfacela* o *bio-gráfico* (vida) em detrimento do epistemo-lógico (saber). Aí também tento não refundar um Eu, mas deixar o e/u ser atravessado pelos processos de transformação. (LEAL, 2021. P 16).

O habitar de mundos outros em educação atravessando suas formas, se faz nos movimentos performáticos que desaparecem em multidão, pois o ser único maior e maiúsculo, o sujeito

individual do Eu, não existe, foi e ainda é uma invenção, que deu certo à sua hegemonização e a quem a ela cumpre, mas ainda assim uma invenção. Para ser um sujeito, indivíduo, ter a preservação do eu a qual reivindica direito de existência se paga um preço, principalmente quando se é corpo saltado fora ou ainda expulso da lógica do Eu, qualificado/marcado individualmente por sexo/gênero.

Neste sentido corpo performático é multidão, só se faz desvanecendo-se do sentido lógico racional, arrepiando poros desde as provocações de pensamentos e imaginações, rezando cantigas de existências que permitem retornar veredas de um mover se a ser contínuo, e que sempre estiveram aqui, na precisão de enraizar os pés em terras férteis e lançar as copas no céu embalando o balanço dos ventos de incontáveis outros tempos. O corpo enquanto território ancestral, o chão pisado enquanto encontro ancestral com o todo que somos corpo multidão.

Neste embalar, Rufino já nos provoca a um tempo outro que não está no tempo presente linear, visto que o presente nada mais é que uma fração, um recorte arbitrário da realidade expandida ou do alargamento do agora. Os ritos de experimentos performáticos se tornaram assim submetodologias que colocam o corpo em travessia, trazendo de volta “um efeito de encantamento contrário à escassez incutida pelo esquecimento” (RUFINO, 2019. p.25).

O corpo encantado é o corpo transgressor da lógica e da ordem de um comportamento voltado ao ser de um sujeito racional, não tendo em si assentadas necessidades de imobilidade, fixação ou verdades que foram tornadas absolutas. Chamar o corpo a ser em movimento é devolver-lhe a ele mesmo, para mover encontros com possibilidades e impossibilidades que somente pelo intelecto não se dará conta. Aqui não se recusam pensamentos e imaginações, ao contrário, corre junto aos pensares e imaginares sem a eles se subalternizar.

(...) com o passar do tempo, inchamos nossas cabeças ao ponto de esquecermos o nosso corpo. As sabedorias inscritas nas gramáticas das macumbas já nos diriam que é o movimento que cura. Porém, somos resultado de um mundo contrário à mobilidade. Ginga demais, para aqueles obcecados pela “segurança” dos caminhos retos, é um sinal de má conduta. (RUFINO, 2019. p. 149)

Neste entregar-se ao sacudimento de qualquer vestígio em nós de escritas que queiram se fazer maiores, deixar se atravessar por escrevinhações pretas e sexo-dissidentes, provocadas por abgail a partir da escrita de nascimento “por meio de criações monstrosas e deformações criativas, uma língua menor (...) uma grandiosa escritinha” (LEAL, 2021. p. 35) em que não se desejam ou se manifestam sentires em substantivar por artigos definidos e definitivos. Corpos que só vão sendo por que são em bando, no cruzo dos encantamentos proferidos por existências ancestrais mais velhas visíveis e invisíveis

O masculino aí não é força única e hegemônica de domínio, como a si se fazem os cânones acadêmicos, mas sim parte de forças múltiplas que se criam e recriam num redemoinho, tempo espiralar – Yangí – diferentes ventos, tanto em temperatura quando em sentidos opostos de direção se encontram e dão nascença a ventos espiralares que tudo locomovem para além tempo e lugares do presente.

(...) Yangí (Exu ancestral), nos concede elementos para a reivindicação da noção de ancestralidade como espírito do tempo que baixa em performance espiralada. Yangí, como horizonte disponível para outros cursos, nos permite navegar em filosofias que problematizam o ser e a realidade para além do chamado “tempo presente”. RUFINO, 2019. p. 24).

Os rituais performáticos provocados desde o corpo são atos de sacudimento às conformações

que quase o tempo todo querem ser introjetadas, assim se transformando em submetodologias de sobrevivência como sabedoria de fresta que “sempre estiveram a favor daqueles que as souberam reivindicar” (RUFINO, 2019. p.9).

2.2 Submetodologia indisciplinada e maliciosa, se é para escapar que seja atravessando pelas vias do erro.

Uma proposta da existência de uma submetodologia parida por um corpo performático no decorrer do curso de pedagogia pede passagem não por uma incapacidade de sistematização para a formação em educação, mas, pelo fracasso de ser corpo dissidente ao postulado para se tornar educador. Quando estes Eus cristalizados fracassam é onde surgem condições de se colocar para além do corpo que foi projetado e saltar fora das ficções de sexo/gênero impostas. Pessoalmente, reforço tais fracassos como via de impulso para os experimentos performáticos ritualizados no Centro de Educação da UFPE. Ao torná-los estratégia de sobrevivência no curso de pedagogia, tais experimentos, verteram-se em submetodologia de existência enveredando um lugar raro de pesquisa.

Clandestinamente, já existia pele a dentro e pele a fora, forças dessas navegações que queriam sentir-se em experimento destituente. Diversas flutuações, marés, derivas e macaréis que permeavam tantas outras possibilidades. Enquanto estava fixo a ficção dos regimes de verdade de sexo/gênero, me tateava a beira da loucura, acreditava que essa multidão de variações internas fossem aquelas que iriam me aniquilar. Mas o que antes era visto como aniquilamento, desvendou-se como possibilidade de ser. A metodologia ocidental por trás da organização de um saber-ser erigido sob uma exegese plana, linear, una e de único sentido é quem aniquilava a vida no corpo que eu tentava ser. Estas mutações são insurgentes forças ancestrais já entranhadas em nós e o quanto todos esses caminhares impulsionam movimentos de tempo e lugar espiralares é que evocam moveres nos entres dos mundos da educação.

Temos aí, uma teoria do corpo em mutação, corpo que vive “na plasticidade do sempre-presente”, sendo atravessado, compondo com o ambiente. E porque não dizer corpo monstruoso, retomando J.J. Cohen: híbrido, disruptivo, resistente a toda tentativa de inclusão em estruturas sistemáticas. (MOMBAÇA, 2016. p.344).

Nisto, por mais que este texto ainda contenha marcas da racionalidade acadêmica, que venho tentando fazer variar, no final das contas a necessidade do fazer se encaixar no formato de um trabalho acadêmico é já a execução de uma escrita outra e não uma tentativa de projeção nela. Aqui é a onde reside a maior dificuldade mas que permite um deixar estar, sem necessariamente um entendimento estrito a objetivos e a descrição de passos e sim ao insurgir de moveres estranhos, indisciplinados e como define Cohen: monstruosos, “o monstro enquanto sempre um deslocamento” (1996). E aproximando a monstruosidade a um corpo ritualizando experimentos performáticos em uma existência submetodológica de suas ações.

Por uma metodologia indisciplinada e maliciosa. E que não deixe de ser desleal ao cânone acadêmico. J Halbertam (2008), nas considerações em torno do que seria a sua “metodologia queer”, excita-nos mesmo a pesquisar com uma “certa deslealdade aos métodos acadêmicos convencionais”, que permita fazer convergir métodos aparentemente contraditórios na contramão “da pressão acadêmica por coerência entre disciplinas. (HALBERSTAM, 2008. apud MOMBAÇA, 2016. p.344-345).

Nesta perspectiva adotou-se a via de criação conceituada por Renato Cohen como *work in*

progress (1999), ou traduzindo literalmente, trabalho em processo, onde se definem princípios centrados em uma estratégia de criação em *dinamicidade de sistemas*. Esta percepção gera o entendimento de que possibilidades de contra-conduta criativa podem tender a rompimentos com o modelo racional ocidental, mas também confia que experimentos de um corpo enquanto provocador de rituais performáticos ao longo de toda trajetória no curso de Pedagogia da UFPE cria atalhos e veredas clandestinas permitindo não somente habitar os entres da educação e suas formas mas descobrir maneiras outras de se caminhar dentre a educação. Atravessar a educação enquanto um corpo educador sendo tudo que este corpo é e não necessitando de ancoragem em um comportamento esperado para ser um corpo formador. Ser e estar enquanto este corpo que se move nos mundos da educação não deve se tornar uma cristalização, sempre dar ao perder-se, visto que caminhar por veredas ainda desconhecidas ou quase nada visitadas desde a academia é ter a tranquilidade que o perder-se é um bom atalho para encontrar miradas ainda não sentidas, não esquecendo que o lugar da branquitude já me é um dos riscos de fincar olhos para sempre no mesmo horizonte.

3 CONCLUSÃO

Os rituais performados são parte fundante neste trabalho pois se trata especificamente de como são eles que re-lançam sempre para fora do que se quer fixar no convencionalizado como um corpo esperado para se tornar educador. São esses ritos, não só no durante, mas do antes e no depois os maiores professores que jogam a experimentar acontecimentos, que ensinam, transformam e mantêm movimento, salvando-me de um Eu fixado para atuação esperada em educação. Os rituais performáticos levam a bailar em estesia aquilo que não somente dói mas acostuma-se ao doer. Estes atos não fazem a dor passar, por vezes levam a saltar em mergulho profundo nestas dores. Nem sempre é óbvio, fácil ou simples retornar a superfície. Por muitos anos submerso profundamente nestas águas, sou grato por todas as existências visíveis e invisíveis que deram coragem de lançar me ao mergulho, fôlego para fazer suas travessias e força para emergir. Ser este e neste mar aberto não se dá ao controle, no entanto corpos multidão regozijam se mar. Assim, no mesmo desejo de Clarice Lispector de ser um artista amador, não há sujeições a esses acontecimentos que se fixem ao um possível êxito em trabalhos acadêmicos. As coisas acontecem e às vezes acabamos por acontecer nelas. As próprias ferramentas que me fui sendo ao longo desta trajetória provocam entender os rituais performáticos enquanto submetodologia disruptiva indisciplinada e maliciosa, que em recriações desde as inventadas por Jota Mombaça, e também agora por mim, vem se acolhendo nesses acasos. Como Mombaça reforça é sub, de subalterna.

(...)que não se furte às batalhas políticas em que se veja implicada e que não cesse de querer escapar, seja pela via do erro, da entropia ou por qualquer outra, dos condicionamentos a que está submetida a produção de conhecimentos das metodologias disciplinares. (MOMBAÇA, 2016. p.345)

Enfim, em tudo isso a organização deste trabalho para apresentar os modos de mover se a ser na travessia da educação provoca colocar essas f(r)icções para jogo de como atravessar os mundos da educação para além e aquém da formação em Pedagogia.

palavras-chave: corpo, pedagogia, performance, formação superior.

REFERÊNCIAS

LEAL, Abigail Campos. **ex/orbitâncias: os caminhos da deserção de gênero**. 1.ed. São Paulo: GLAC Edições, 2021.

MOMBAÇA, Jota. **Não vão nos matar agora**. 1.ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

_____. Rastros de uma submetodologia indisciplinada. **Revista Concinnitas. Ano 17, volume 01, número 28**. Setembro de 2016. p. 341-354.

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das Encruzilhadas**. 1.ed. Rio de Janeiro: Mórula Editorial. 2019.